

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XIII ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
IX CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: **Relato**
GRUPO DE PESQUISA: Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino

Laboratório de Jornalismo e Portal PUC-Rio Digital: uma experiência com produção de notícias

Leonel Aguiar¹
leonelaguiar@puc-rio.br

Palavras-chave: ensino de jornalismo; experiência docente; produção de notícia.

1. Introdução

A proposta desse trabalho é relatar uma experiência docente que está sendo vivenciada no ensino da disciplina *Laboratório de Jornalismo*, ministrada para estudantes do sétimo período do curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio desde o segundo semestre letivo de 2008. Foi possível constatar que o principal problema encontrado na rotina da produção de informação jornalística em sala de aula continua sendo a construção do modelo da notícia em seu formato do *lead* e pirâmide invertida.

2. Matriz curricular

O Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio implantou, a partir de 2005, uma nova matriz curricular nas três habilitações, proporcionando um maior equilíbrio entre as disciplinas teóricas e as práticas, de modo a conjugar reflexão teórica e formação crítica com capacidade de empregabilidade dos alunos. As disciplinas que apresentam os campos profissionais da Comunicação passaram a ter início já no primeiro período; no caso de *Introdução ao Jornalismo*, a ementa

¹ Coordenador do Curso de Jornalismo e professor do Programa de Pós-graduação do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio. Diretor científico do FNPJ. Doutor e Mestre em Comunicação (UFRJ). Jornalista diplomado pela UFF.

prevê a análise da função social do jornalismo e da estrutura da notícia, com suas formas de apuração e redação.

Além dessa disciplina, com a nova matriz curricular, os alunos cursam outras disciplinas ministradas por professores de jornalismo no ciclo básico: *Técnicas de Comunicação* (2º período) e *Comunicação Impressa* (2º período). No ciclo profissionalizante, cursam *Técnica de Reportagem* (4º período), *Redação em Jornalismo* (5º período) e *Edição em Jornalismo* (6º período) nas quais aprendem o processo de produção da notícia: apuração da informação, redação e edição². Assim, o que se espera de uma turma de sétimo período em jornalismo, é um melhor domínio da estrutura-padrão da notícia. Não é, entretanto, isso que ocorre e, salvo as exceções de praxe, são poucos os estudantes que apresentam um conhecimento consolidado da produção de notícia.

Cabe ressaltar que a ementa da disciplina *Laboratório de Jornalismo* limita-se a determinar “produção em jornalismo”. Com a criação do Portal PUC-Rio Digital³ e sua inserção na nova matriz curricular, redirecionamos o objetivo da disciplina para a produção de notícias e reportagens voltadas para a edição nesse novo suporte. Acreditamos que a inserção de um portal digital como ferramenta pedagógica em uma matriz curricular proporciona excelente oportunidade não só para o exercício das práticas profissionalizantes e de novas experiências jornalísticas, mas também para a reflexão teórica sobre o campo do jornalismo. Em suma, estão criadas as condições de possibilidade para uma prática teórica que gira em torno das questões contemporâneas que atravessam as rotinas de produção jornalística. Um dos centros desse atual debate, principalmente por causa do webjornalismo, passou a ser a técnica do *lead* e da pirâmide invertida.

Desse debate, nos interessa pensar o discurso jornalístico para tentar entender as dificuldades apresentadas pelos alunos para a produção do *lead*.

² Não há mais, no novo currículo, a separação radical entre quatro períodos iniciais de disciplinas teóricas do campo das Ciências Humanas e Sociais, ficando os quatro últimos períodos apenas para as disciplinas de práticas profissionalizantes.

³ O Portal PUC-Rio Digital é uma ferramenta pedagógica, inaugurada em abril de 2008, que possibilita aos alunos das disciplinas profissionalizantes em jornalismo a publicação do material jornalístico produzido em sala de aula. Acesso em <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/>

3. Produção da notícia

Do ponto de vista da história da imprensa, sempre se vinculou o surgimento da técnica do *lead* ao uso dos telégrafos pelos jornalistas norte-americanos no século XIX e aos problemas causados pelas constantes interrupções no uso das linhas telegráficas. Desmontando esse erro histórico, Lage aponta para a noção intuitiva de notícia, comprovando que a origem do *lead* está relacionada ao uso oral, isto é, à “maneira como, numa conversa, alguém relata algo a que assistiu; sua natureza é pragmática, ou seja, relacionada às condições da comunicação e à intenção de torná-la eficaz” (LAGE, 2005, p. 73). Portanto, na cultura oral já temos a marca da ordenação dos fatos por ordem decrescente de importância.

Outro percurso histórico sobre a técnica do *lead* aponta para a arte da retórica, cuja origem remonta a Antiguidade Grega, mas que foi também sistematizada, em 85 a.C., pelo político romano Marco Túlio Cícero em sua obra *De Inventione*. Segundo Francisco Karam, as proposições de Cícero tornaram-se paradigmas para o discurso jornalístico informativo.

É com esta perspectiva, baseada na arte de dizer, resultado da habilidade em fazer, que se estrutura o discurso jornalístico. A escola norte-americana e inglesa de jornalismo tomou o que havia de melhor na arte de dizer para imprimir o ritmo da lógica informativa específica do jornalismo na segunda metade do século passado e durante o século 20. Por isso, as atribuições de que a pressa para ler, o telégrafo que poderia cair, o tempo disponível de leitura – fatores da incipiente modernidade e do assoberbado ritmo atual –, quando consideradas razões primeiras ou exclusivas para o surgimento e permanência do *lead*, desmentem-se pela necessidade de uma arte de dizer e convencer, no que gregos e romanos foram mestres (KARAM, 2000).

A controvérsia sobre a utilização da técnica do *lead* e da pirâmide invertida no jornalismo *online* aparece entre os 19 autores que participaram do *Manual de Redacción Ciberperiodística* (NOCI e SALAVERRÍA, 2003). Em um dos artigos dessa obra – *El periodismo ante la tecnología hipertextual* –, José Alvarez Marcos defende que a produção de *hard news* deve manter os parâmetros fundamentais da estrutura piramidal, além da brevidade e da concisão. Em *Hipertexto periodístico: teoría y modelos*, Noci e Salaverría apresentam diversos modelos de hipertextos, enfatizando as estruturas em rede com múltiplas entradas, sem descartar a estrutura clássica da pirâmide invertida.

Já Canavilhas (2003) entende que, no webjornalismo, a técnica da pirâmide invertida deve ser substituída por um conjunto de pequenos textos hiperligados entre si, pois os ciberleitores preferem navegar com liberdade de escolha em um texto separado por blocos. Em outro artigo, Canavilhas (2007) propõe a substituição, na produção da webnotícia, da pirâmide invertida pela pirâmide deitada, que teria quatro níveis de leitura. Ou seja, o hipertexto, enquanto uma característica do webjornalismo, leva necessariamente a uma ruptura como modo de fazer jornalístico baseado na técnica do *lead* e da pirâmide invertida.

Para Rosental Calmon Alves, o desafio do jornalismo na web é realizar o pleno desenvolvimento de uma linguagem para “contar histórias” a partir das características e dos recursos disponíveis na internet. O erro básico cometido por alguns autores⁴ que apontam as limitações da técnica da pirâmide invertida é a premissa de entendê-la como uma narrativa linear e seqüencialmente cronológica.

A pirâmide invertida não significa uma narrativa linear. Ao contrário, ela sempre rompeu a seqüência cronológica para privilegiar a conclusão, o mais importante. Acho que mesmo quando se experimentam técnicas de desconstrução, ou de narrativa não-linear, ainda vale o princípio básico da pirâmide invertida: dizer logo de que se trata, apesar de deixar ao leitor a possibilidade de navegar pela narrativa da forma que queira, em lugar de sugerir apenas um caminho seqüencial (ALVES, 2005).

Para além dessa polêmica, devemos lembrar que Genro Filho sempre enfatizou que o modelo do *lead* e da pirâmide invertida não significa descrever os fatos mais importantes seguidos dos menos importantes, mas relatar um único fato tomado em uma singularidade decrescente, isto é, “com seus elementos constitutivos organizados nessa ordem, tal como acontece com a percepção individual na vivência imediata” (GENRO FILHO, 1987, p. 196).

O *lead* funciona como princípio organizador da singularidade, pois as formulações genéricas – tais como as narrativas existentes no jornalismo de opinião e as notícias no formato “nariz-de-cera” – são incapazes de reproduzir a experiência individual. A localização do *lead* no começo da notícia

⁴ No II Congresso Iberoamericano de Jornalismo Digital, quando Alves defendeu a eficácia da técnica da pirâmide invertida para produzir notícias – ou seja, *hard news* – na web, Salaverría discordou radicalmente, pois, em sua visão, um suporte com a característica da hipertextualidade exige o uso de novos formatos que utilizem a fragmentação do texto informativo e a conseqüente criação de níveis de profundidade documental. Salaverría afirmou que a técnica da pirâmide invertida é um formato narrativo, enquanto que as qualidades de concisão e densidade informativa de um texto são aspectos que se referem ao estilo jornalístico e não a estrutura da narrativa.

corresponde ao processo de percepção em sua ordem mais imediata, pois toma, como ponto de partida, o objeto reconstituído singularmente para, a seguir, situá-lo numa determinada particularidade. O *lead* é uma importante conquista da informação jornalística, pois representa a reprodução sintética da singularidade da experiência individual (...), além disso, o caráter pontual do *lead*, sintetizando algumas informações básicas quase sempre no início da notícia, visa à reprodução do fenômeno em sua manifestação empírica, fornecendo um epicentro para a percepção do conjunto (GENRO FILHO, 1987, p. 197).

Eis aqui, portanto, em nosso entendimento, o principal problema cognitivo do processo de ensino-aprendizagem do jornalismo informativo: essa técnica de produção do discurso jornalístico não segue uma linearidade, pois a sequência cronológica é rompida para privilegiar um relato que apresenta o acontecimento a partir de sua máxima potência singular, prosseguindo, então, em uma direção decrescente.

4. Referências bibliográficas

ALVES, Rosental Calmon. Uma linguagem em construção. *Observatório da Imprensa*. São Paulo, n. 311, jan. 2005. Disponível em:
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=311ENO002>

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: BARBOSA, Suzana (org.). *Jornalismo digital de terceira geração*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2007. p. 23-36.

_____. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. In: FIDALGO, Antonio e SERRA, Paulo (orgs.). *Jornalismo online*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003. p. 63-74.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê, 1987.

KARAM, Francisco. A Antigüidade greco-romana, o lead e a contemporânea narrativa jornalística. *Revista Sala de Prensa*. México/DF, ano III, v. 2, n. 22, ago. 2000.

LAGE, Nilson. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

NOCI, Javier Diaz e SALAVERRÍA, Ramon (orgs.). *Manual de Redacción Ciberperiodística*. Barcelona: Ariel Comunicación, 2003.